

# Nordestinos na Zona Leste de São Paulo: subjetividade e redes de migrantes

*Valéria Barbosa de Magalhães\**

O senhor Antônio<sup>1</sup>, nascido em 1936, trabalhou na lavoura de cacau desde os seus sete anos, transferindo-se depois para outras atividades, tais como a de mascate. Ele saiu de Coaraci, na Bahia, em 1961, para tentar a vida em São Paulo. A viagem em um caminhão pau de arara durou seis dias.

Ao chegar a São Paulo, o próprio motorista do caminhão que o transportou indicou uma pensão que hospedava nordestinos recém-chegados, em Guarulhos. Foi lá que ele arrumou o seu primeiro trabalho, no bairro da Penha, onde morou logo em seguida.

No Sudeste, Seu Antônio contou com uma rede de informações que se iniciava na Bahia e se estendia até São Paulo e que orientava os nordestinos recém-chegados para o trabalho, a moradia e as questões básicas de sobrevivência na cidade. Essa teia de apoio não o auxiliou somente na chegada, foi fundamental também durante a sua vida em São Paulo. Ele, por exemplo, trabalhou como atendente de enfermagem no Hospital do Servidor Público do Estado, cujo concurso foi informado pelo mesmo grupo de nordestinos com quem trabalhava no primeiro emprego.

Hoje aposentado, Antônio vive na Vila Boturussu, na Zona Leste<sup>2</sup> de São Paulo. Foi lá que comprou uma casa com o fruto do próprio trabalho. Ele é casado com uma conterrânea e tem quatro filhas adultas, todas fizeram faculdade.

A singular história do baiano Antônio Filho não está isolada: ela faz parte de um destino comum evocado pela memória coletiva<sup>3</sup> de nordestinos que migraram para o Sudeste e que hoje vivem na Zona Leste da cidade de São Paulo. São pessoas que buscavam uma vida melhor e que se dirigiram para essa região por terem algum parente ou conhecido que ali vivia, mas também por terem sido atraídos pelos baixos preços das moradias e pelas indústrias que lá se instalaram, no passado, como a Nitroquímica e as Indústrias Matarazzo.

Este artigo pretende partilhar com os leitores algumas ideias levantadas pelo projeto Lembranças de Antigos Moradores da Zona Leste de São Paulo: migrantes nordestinos e história de bairros<sup>4</sup>. Entre outros aspectos, o trabalho

---

\* Docente da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP e no Programa de Mestrado em Estudos Culturais/USP. Coordenadora do Grupo de Estudo e Pesquisa em História Oral e Memória (GEPHOM/USP).

buscou desvendar, por meio de narrativas de vida, a teia das relações entre moradores de origem nordestina da Zona Leste da cidade de São Paulo e moradores de origem não nordestina. O objetivo secundário era registrar a história da região pela ótica subjetiva dos seus moradores nordestinos.

A pesquisa utilizou entrevistas de história oral temática como principal fonte de informação<sup>5</sup>. Foram entrevistados moradores nordestinos da Zona Leste de São Paulo que tivessem, no momento da entrevista, mais de 60 anos<sup>6</sup> e que tivessem vivido na Zona Leste por mais de 10 anos<sup>7</sup>.

Ainda que a complexidade dos temas levantados durante a pesquisa tenha sido enorme, nos restringiremos a tratar, nos limites deste artigo, das redes de migrantes nordestinos que se formaram na Zona Leste de São Paulo, tendo por base a história do senhor Antônio Filho e fragmentos de outras histórias de vida.

O caso dos nordestinos em São Paulo pode ser visto por diferentes abordagens. Aqui, de maneira excepcional, emprestaremos algumas reflexões dos estudos das imigrações internacionais, especialmente no que diz respeito ao conceito de rede, para pensarmos as migrações internas. De antemão, argumentamos a pertinência delas ao contexto estudado.

Por ser um objeto interdisciplinar, o fenômeno migratório suscita variadas perspectivas teóricas. Boa parte dos estudos sobre o tema vem da sociologia, tendo por inspiração, na vertente francesa, o trabalho de Sayad (1998) e, na vertente americana, trabalhos de autores diversos, como Alejandro Portes (1991) e a Escola de Chicago. Os campos da história e da sociologia no Brasil têm produzido importantes pesquisas sobre as migrações internas. Podemos destacar também a centralidade da área da demografia para o campo das migrações, tema que também têm sido objeto dos mais diversos saberes.

Nos estudos migratórios, são muitas as variáveis que interferem e explicam os movimentos entre lugares. Podemos destacar algumas delas: geração, classe social, família, gênero, idade, língua, educação e religião; além de outros assuntos que recentemente passaram a receber mais atenção dos pesquisadores, tais como orientação sexual.

Para iniciar a presente discussão, gostaria de falar de algumas abordagens americanas e da vertente francesa de Sayad(1998), para depois mostrar outras possibilidades teóricas e falar sobre como elas podem nos ajudar a pensar o caso dos nordestinos em São Paulo.

Alguns autores americanos (PORTES,1981; 1991; PORTES e JENSEN, 1987; SASKIA-SASSEN, 1988, PIORE, 1979; etc), a partir do horizonte de sua longa tradição de país de imigrantes, desenvolveram variadas possibilidades reflexivas para os estudos migratórios, tendo privilegiado temas diversos. Em geral, após a década de 1980, seus textos têm uma ênfase em fenômenos e grupos específicos dentro da imigração, diferentemente de Sayad (1998) que analisa o fenômeno migratório de maneira abrangente.

Sayad (1998) escreve sobre as migrações sob a influência dos estudos de Pierre Bourdieu, um de seus parceiros acadêmicos. Seu olhar volta-se para as questões sociológicas mais amplas, considerando as migrações com um fenômeno social total. Isto resulta em reflexões ora influenciadas pelo marxismo, ora com uma atenção especial ao sujeito. O uso de entrevistas pessoais nos trabalhos do autor reflete essa preocupação com as diversas dimensões da migração.

Sayad (1998, p.48) constrói essa discussão a partir do caso dos argelinos na França. Para ele, as circunstâncias que explicariam a origem da migração seriam de natureza econômica. A migração teria duas características centrais: o imigrante como força de trabalho e a provisoriamente. A consequência é uma permanente contradição entre direito e fato: para os imigrantes e para a sociedade receptora a migração seria sempre provisória (porque ela precisa ser), mas de fato ela é definitiva, já que dificilmente carrega a possibilidade do retorno ao local de origem:

Por não conseguir sempre pôr em conformidade o direito e o fato, a migração condena-se a engendrar uma situação que parece destiná-la a uma dupla contradição: não se sabe mais se se trata de um estado provisório que se gosta de prolongar indefinidamente ou, ao contrário, se se trata de um estado mais duradouro mas que se gosta de viver um intenso sentimento de provisoriamente. (SAYAD, 1998, p. 45)

A migração, portanto, gera um problema social e sociológico, já que se firma sobre condições sociais específicas de descontentamento para o imigrante e para quem o recebeu (SAYAD, 1998, p. 56). Do ponto de vista sociológico, esse problema precisa ser entendido como fato social total, isto é, ser estudado tanto nos países de origem quanto nos países de destino e em todas as suas dimensões, não somente do ponto de vista econômico.

Enquanto problema social, a migração

cada vez mais se impõe como uma pequena sociedade autônoma que apresenta todas as características (morfológicas, sociais, culturais) de uma formação, se não integral e perfeitamente equilibrada, ao menos em via de compensar os desequilíbrios antigos que trazia das contradições iniciais de sua gênese. (SAYAD, 1998, p. 69).

Isso conduz aos conflitos e estereótipos nascidos da convivência entre imigrantes e “nativos”, pois, uma vez estabelecido um fluxo migratório, dificilmente ele é revertido. Não existindo provisoriamente de fato, a sociedade receptora não os aceita como definitivos. Pensando sobre os nordestinos, o Sudeste sempre os considerou como “de fora”, aqueles que deveriam viver

à margem dos benefícios sociais e institucionais e que deveriam retornar à sua terra, após a ele terem servido como mão de obra. Isto foi expresso nas entrevistas deste projeto, especialmente quando os depoentes relataram situações de preconceito sofridas em São Paulo.

A efetividade da imigração justifica as críticas feitas às teorias assimilacionistas, pois essa “pequena sociedade autônoma que se impõe” (Sayad, 1998, p. 69) não pode simplesmente absorver ou assimilar a cultura do local de destino, não pode simplesmente assimilá-la porque engendra processos de resistência e de negociação identitária que acontecem a todo o momento nos mais diversos grupos de migrantes e imigrantes. Nesse sentido, podemos pensar que ser nordestino em São Paulo é resistir à assimilação no Sudeste, é afirmar a heterogeneidade, a diferença.

A migração de nordestinos para São Paulo não se furta de encaixar-se ao cabedal explicativo de Sayad(1998). Migrados inicialmente como mão de obra para a lavoura do interior do Estado de São Paulo e, depois, como trabalhadores do setor de serviços e das indústrias da capital e dos arredores, a partir da década de 1950, os nordestinos figuram como migrantes trabalhadores, tendo em seu horizonte o retorno, ainda que temporário, à terra natal (FONTES, 2008; PAIVA, 2004). A ilusão da provisoriedade permeou tanto as suas trajetórias, quanto o imaginário dos paulistanos no destino, conforme mostraram as entrevistas deste projeto.

O Senhor Antônio explicou que pretendia voltar para a Bahia, no início, mas que o trabalho e a esposa acabaram por conduzi-lo a permanecer em São Paulo, como podemos ver no relato abaixo:

e. Isso era muito ou era pouco senhor Antônio?

a. Muito dinheiro, tanto que eu falava: eu não vou ficar aqui em São Paulo não. Vou voltar pra Bahia. Eu queria voltar. Aquele dinheiro dava pra comprar casa, terreno, casinha simples, comprava terreno e fazia uma casinha...

e. Mas o senhor chegou a comprar?

a. Não. Andei aqui em São Paulo, pelo Ermelino Matarazzo. O senhor que eu conheço falou: “compra um terreno aqui”. No meu pensamento eu falei: “eu não compro terreno aqui nem de graça!” Era um mato...

e. Senhor Antônio, quando foi que o senhor desistiu de voltar pra Bahia? O senhor disse que pensava em voltar, né?

a. Pensava em voltar. Aí foi quando eu casei, constitui família e eu peguei e falei com a minha mulher e ela falou: “não”. Nós programamos pra ir pra Bahia, aí ia ter um concurso no INSS, passamos no concurso, trabalhava em dois serviços, né? Ir pra Bahia? Com dois serviços aqui? “Vamos pra lá que lá nós vamos pra Itabuna, cidade grande,

tem tudo”. Ela falou: “então vamos. Só que eu não sei se é isso que eu quero”. Eu não queria sair daqui que isso aqui é o seguinte: tem uma coisa que eu não falei aqui. Eu saí lá da Bahia que queria aqui em São Paulo trabalhar e estudar, eu constituí família e minhas filhas estudaram, todas elas fizeram faculdade. Aí eu fui fazer o colégio, uns três anos ou quatro anos atrás, no Terezinha Aranha.

O trecho acima mostra que as contingências da vida, ainda que houvesse o desejo do retorno, transformaram a provisoriedade do projeto migratório em permanência definitiva para Seu Antônio.

A impossível provisoriedade dessa migração resultou em convivência conflituosa entre migrantes e a sociedade receptora, fato que se consolidou em estereótipos em relação aos nordestinos. Estes estereótipos têm por função situar o “recém-chegado” em uma posição inferior de *status*. Elias e Scotson (2000), no livro *Os Estabelecidos e os Outsiders*, explicam o processo de manutenção da crença de um grupo em sua própria superioridade humana. O caso de Wiston Parva, por eles estudado, se constituiria em um modelo explicativo para as configurações universais da construção dos preconceitos. Ou seja, a partir desse modelo, pode-se pensar em como são construídas e qual a função das generalizações do nordestino como “cabeça chata”, “baiano” ou “paraíba”.

Para Elias e Scotson (2000), os estereótipos só podem ser construídos por uma coesão e autoestima elevada dos residentes antigos (no nosso caso, os paulistanos), isto é, pela relação de antiguidade e pelo compartilhamento do mesmo passado, que geram a sensação de pertencimento e de coesão: “a estigmatização, como um aspecto da relação estabelecidos e *outsiders*, associa-se, muitas vezes, a um tipo específico de fantasia coletiva criada pelo grupo estabelecido” (ELIAS e SCOTSON, 2000, p. 35).

Ao mesmo tempo, segundo os autores, o estigma social penetra na autoimagem do grupo mais fraco e o enfraquece progressivamente. Haveria então uma complementaridade entre grupo estigmatizado e grupo estigmatizador que explicaria a manutenção dessas noções de inferioridade. Segundo o quadro explicativo de Elias e Scotson, os marginalizados tenderiam a naturalizar os estereótipos que lhe são impostos: “dê a um grupo uma reputação ruim e é provável que ele corresponda a essa expectativa” (ELIAS e SCOTSON, 2000, p. 30). Tais características ruins tendem ser enfatizadas por um mecanismo de generalização em que

o grupo estabelecido tende a atribuir ao conjunto do grupo outsider as características “ruins” de sua porção “pior”-de sua minoria anômica. Em contraste, a auto-imagem do grupo estabelecido tende a se modelar em seu setor exemplar, mais ‘nômico’ ou normativos – na minoria dos “melhores” membros. (ELIAS e SCOTSON, 2000, p. 23).

Nas entrevistas realizadas neste projeto, o preconceito contra o nordestino foi retratado de diversas formas, principalmente pela tendência à homogeneização de todos eles em uma só categoria estereotipada, construída sobre a noção de sua inferioridade frente aos paulistanos: inferioridade racial, cultural, de cosmopolitismo, de classe e assim por diante.

Declarações de alguns entrevistados sobre não terem sofrido nenhum preconceito também chamaram a atenção. Esse silêncio ou negação da discriminação nos levou a formular uma hipótese de que o silêncio sobre a discriminação teria origem na tentativa de evitar reviver a dor sofrida. Lang (2008, p. 182), por outro lado, explica em sua pesquisa sobre espiritismo que: “quanto aos ‘não ditos’, é preciso considerar o simples esquecimento e a omissão intencional, difíceis de distinguir. Os ‘não ditos’ por omissão desviam-se, em grande parte, ao fato de as pesquisadoras não serem espíritas”. No caso da nossa pesquisa sobre os nordestinos, houve claramente omissões em relação ao tema do preconceito. Entretanto, isso não parece ter decorrido do fato dos pesquisadores não serem nordestinos, mas sim de uma tentativa de esquecimento de situações negativas vivenciadas no passado. Além disso, como ressaltou Lang, houve também os “não perguntados”, isto é, assuntos que não foram abordados nas entrevistas, mas que só puderam se mostrar relevantes ao final da pesquisa, quando os relatos começaram a ser analisados. Alguns desses “não perguntados” referiram-se justamente a situações específicas de discriminação vivenciadas no dia a dia do migrante. Talvez, se tivéssemos explorado outros episódios corriqueiros por meio da memória dos depoentes, a questão do preconceito teria emergido com mais facilidade. Cientes dessa dificuldade inerente ao nosso trabalho, pretendemos explorar esses “não perguntados” em futuras investigações.

Podemos supor ainda que tenha havido certa “naturalização” dos estereótipos e generalizações que apareceram em algumas das entrevistas. A esse respeito, as redes sociais dos migrantes nordestinos exerceram um papel central na resistência contra os estereótipos e contra o preconceito e funcionaram como um escudo para o estabelecimento dos migrantes na cidade. Sobre o final da década de 1950, Fontes (2008) descreve:

O preconceito de empregadores contra nordestinos e negros parece ter sido uma constante ao longo do período e, embora com menor destaque por parte da imprensa, denúncias continuaram a pipocar. (...) divergências e preconceitos também campearam no conjunto da sociedade, inclusive entre os próprios trabalhadores. (...) Nos anos 1950, a crescente e numerosa presença de migrantes rurais de origem nordestina causava estranheza e frequentemente gerava tensões entre a população já residente e os recém-chegados. Rivalidades e preconceitos entre os trabalhadores de origem paulista ou estrangeira e os nordestinos foram relativamente comuns. O sociólogo

Juarez Brandão Lopes, por exemplo, constatou uma “animosidade latente que existe contra os trabalhadores vindos do Nordeste, entre os outros [operários]” na fábrica onde realizou sua pesquisa nos anos 1950 (FONTES, 2008, p. 67-68).

A homogeneização dos nordestinos em uma só categoria pela sociedade paulista despreza suas diferenças internas e não é bem vista entre os migrantes, segundo Fontes (2008). Algumas razões para o preconceito eram, de acordo com esse autor, a visão do Nordeste como o oposto da modernidade de São Paulo e uma visão naturalista sobre as diferenças de raça. Alguns dos nossos relatos confirmaram o desconforto descrito por Fontes com o desprezo à diversidade que caracterizava o nordestino em São Paulo.

Em nossas entrevistas, o Senhor Rosalvo (r), referindo-se à condição do nordestino no mercado de trabalho, notou duas coisas: primeiro, que o baiano era discriminado em algumas atividades e, segundo, que o paulista simplesmente não via o nordestino como brasileiro, fomentando um alto grau de discriminação contra esse povo:

*r. Então, antigamente o povo aqui de São Paulo pensava que o povo do Nordeste não era brasileiro, não tinha comunicação. Não existia comunicação de maneira alguma. Então, de nós baianos, o povo sentia medo. Inclusive tinha fábrica que não pegava baiano. A gente sentia essa diferença, acho que porque a gente achava que ia sair trabalhando. Às vezes era tratado como estrangeiro, porque nós sabíamos que nós éramos brasileiros, mas muitas pessoas daqui não sabiam.*

O relato do senhor Rosalvo é apenas um exemplo de como os estereótipos sobre uma população migrante a excluem, não só da nacionalidade brasileira, mas também da condição humana: “de nós baianos, o povo sentia medo”.

Mesmo não sendo percebida como tal, a relação entre antigos e novos moradores nos processos migratórios, entre migrantes e “nativos”, é sempre conflituosa e é encarada como provisória, pois do contrário seria preciso aceitar o outro em sua diferença e assumir todo o ônus econômico que o reconhecimento de seus direitos acarretaria.

A visão de Sayad (1998) de que as circunstâncias de origem da imigração são econômicas encontra eco em outros estudos, inclusive americanos, especialmente nas chamadas teorias macroestruturais. Por outro lado, estas abordagens não tratam do fenômeno migratório como um fato social total.

Teorias recentes, como o transnacionalismo, criticam enfoques tradicionais que não veem o fenômeno migratório de uma perspectiva global e que caracterizam os imigrantes como assimilados ou não pelas sociedades

hospitaleiras, especialmente no caso das teorias assimilacionistas. Também são criticadas as teorias microeconômicas, as chamadas “*push-pull*” (BORJAS, 1990), que se pautam nas decisões econômicas racionais dos agentes individuais como mote para a imigração. O problema dessa visão é a suposição de que as decisões individuais por si só seriam capazes de manter os fluxos migratórios, sem considerar a complexidade de situações que envolvem esse fenômeno.

Essas últimas vertentes teriam relação com as migrações de nordestinos para São Paulo e com as imigrações para o Brasil no final do século XIX e início do século XX. Podemos ver na maioria dos autores, análises de ordem estrutural para as migrações internas. O mecanismo explicativo consiste em ver nas grandes estruturas sociais, econômicas e históricas, o pano de fundo para os movimentos migratórios.

No caso dos nordestinos, o contexto econômico e social que explica sua migração para São Paulo é explorado por autores como Fontes (2008) e Paiva (2004). Para eles, a seca no Nordeste e o desmantelamento das suas relações agrárias tradicionais, somados ao fim dos acordos bilaterais de imigração e ao crescimento industrial na capital paulista, foram o “*pano de fundo*” para o deslocamento dessa população.

Entretanto, as estruturas econômicas, históricas e sociais não são suficientes para explicar porque se migra e nem porque os fluxos migratórios se mantêm. Situações que se encontram em microrrelações e no próprio sujeito também contribuem para migrar, sendo impossível identificar o percentual de participação de cada uma dessas dimensões (macro, micro, subjetivas, etc) no trânsito de pessoas pelo mundo.

Outras formas de entender as migrações são possíveis. O conceito de redes sociais é uma das contribuições ao entendimento desse fenômeno, na medida em que relaciona pessoas nos lugares de destino e de origem.

Segundo Tilly (1990), os migrantes são ligados por laços de parentesco, profissionais ou de outra natureza. As redes estimulam os processos migratórios, interligando as sociedades de origem e de destino e podem servir como apoio. Monteiro as define como “*múltiplas redes que se estendem com centro em cada indivíduo até outros emigrados (...), sem que ao conjunto destas redes se possa dar uma fronteira comum ou comunitária*” (MONTEIRO, 1994, p. 23). É comum que na chegada o migrante seja recebido na casa de algum amigo ou parente que lhe proporcione apoio para iniciar contatos profissionais, como vimos na história do Senhor Antônio, estabelecendo ou recriando relações familiares. As relações desses povos em movimento ultrapassam fronteiras.

Para Tilly (1990, p. 84), as decisões de migrar se baseiam em informações das redes sociais, as quais se encontram tanto nos países de destino como de origem, e nelas se apoiam. Conforme observamos na história do Seu Antônio, essas teias ligam os dois locais, inserindo pessoas em uma infinidade de conexões que vão além do tempo de deslocamento, sendo base de apoio e solidariedade no ponto de chegada.



As redes criam novas categorias identitárias e transformam aquelas já existentes e por isso não é possível se pensar em um processo de assimilação, já que a complexidade dessas identidades está em constante processo de reformulação. As redes contradizem a ideia de um padrão étnico dominante e mostram que boa parte das migrações não acontece individualmente, mas coletivamente. Por isso, não é possível se pensar em migração como uma experiência simples e homogênea (TILLY, 1990, p. 87).

Os nordestinos entrevistados neste projeto<sup>8</sup> apresentaram uma rica descrição do funcionamento dessas redes sociais. Um exemplo é o relato de Dona Angelina (an):

an. Eu não fazia ideia (de como era aqui). Quando eu vim, as meninas moravam na Água Rasa, eu fui pra Água Rasa. Depois, veio outras primas e já tinha as primas aqui, moravam em casa pequena e eu aluguei uma casa aqui. Nós alugamos, três primas; uma prima e um primo.

Quando veio para São Paulo, Dona Angelina contava com parentes aqui que, não só forneceram as informações sobre como migrar, mas a apoiaram na hora de se instalar na cidade.

Esta pesquisa confirmou as impressões de Fontes (2008) sobre a importância das redes sociais no processo migratório do Nordeste para a Zona Leste de São Paulo. Dentre nossos 16 entrevistados nordestinos, apenas cinco migraram sozinhos. Entretanto, todos tinham um parente no ponto de chegada, exceto no caso do Senhor Antônio Filho, mas que tinha os vizinhos de sua cidade que haviam vindo para São Paulo:

e. Mas o senhor conhecia alguém que morava em São Paulo já?

a. Sim, tinha um pessoal que já tinha vindo já pra aqui pra São Paulo. Sempre veio, naquela época.

e. De que cidade?

a. Da minha cidade e cidades vizinhas também... Conhecidos e também pessoas... Naquela época, vinha de "pau de arara", não tinha ônibus, não tinha nada, era caminhão, pegava o pessoal de todo o sul da Bahia e do sertão pra trazer todo o pessoal aqui pra São Paulo. Então, chegava aqui e tinha um grupo em Guarulhos, vinha pra Guarulhos, tinha outro grupo aqui no Ermelino Matarazzo, vinha pro Ermelino Matarazzo, e também Santo Amaro. Em toda a periferia da Grande São Paulo.

Difícil imaginarmos as agruras de um migrante que sai de sua vida em um lugar pequeno do Nordeste, sem muito conhecer do mundo exterior, e que pega um ônibus ou um *pau de arara* durante vários dias, destinando-se a um local desconhecido e confuso, cuja lógica urbana nada tem a ver com seu local de origem. O que fazer ao descer do ônibus ou do caminhão? A quem se dirigir? Para onde ir? A resposta está nas redes sociais.

Não se pode negar a importância das questões político-econômicas e das redes sociais para o processo migratório. Entretanto, há ainda outra dimensão relevante para as migrações, que é a subjetiva. Razões pessoais e únicas movimentam pessoas pelo mundo em todos os contextos. São os amores mal resolvidos, a busca por aventura e os desentendimentos e arranjos familiares que se constituem na gota d'água nas decisões de migrar - ou de permanecer no local de destino -, conforme pude argumentar em meu livro "O Brasil no Sul da Flórida: subjetividade, identidade e memória" (MAGALHÃES, 2011). Essas motivações também estão presentes nos relatos dos nordestinos em São Paulo e podem ser reveladas com o uso de fontes de pesquisa que privilegiem a subjetividade (YANS-McLAUGHLIN, 1990).

Do mesmo modo que as entrevistas publicadas no livro "O Brasil no Sul da Flórida: subjetividade, identidade e memória" (MAGALHÃES, 2011) evidenciaram situações subjetivas fundamentais que explicavam o fluxo de brasileiros para Miami, neste projeto sobre os nordestinos na Zona Leste de São Paulo emergiu um leque de situações pessoais determinantes para a saída do Nordeste. Os rompimentos matrimoniais e os problemas familiares são exemplo disso, como no caso da história do senhor Valmir (v), cujo pai deixou a Bahia por ter ficado viúvo com quatro filhos:

v. Aos seis anos de idade, após a perda da minha mãe, meu pai resolveu vir embora pra São Paulo. Ficou sozinho, viúvo, com quatro filhos. E, então, nós saímos da Bahia.

Esses elementos pessoais que compõem os movimentos migratórios só são expostos quando são utilizadas metodologias que captem a subjetividade, como no caso da história oral.

Yans-McLaughlin (1990) ressalta a importância das fontes subjetivas para a análise da imigração. Para ela, tais fontes, normalmente apontadas como problemáticas, evidenciam a visão dos participantes sobre as experiências que viveram (YANS-McLAUGHLIN, 1990, p. 254). A autora mostra que esses documentos estão imersos nos processos históricos dos quais são parte.

Em uma visão da "história vista de baixo", que surge nos anos 1960 como resposta ao positivismo e quantitativismo nas Ciências Humanas, as narrativas orais passaram a ser vistas não só como documentos do passado, mas também como uma visão popular sobre a História.

Em resposta às críticas ao uso de fontes subjetivas nos estudos migratórios, a autora oferece um roteiro de análise das narrativas, que consiste em verificar: 1) como o narrador organiza o tempo; 2) como ele se descreve em relação ao passado; 3) como ele descreve sua relação com os objetos e as pessoas do passado e 4) como é a relação do narrador com o entrevistador (YANS-McLAUGHLIN, 1990, p. 274).

De acordo com Yans-McLaughlin, um dos méritos da fonte oral é revelar como as condições históricas são fenomenologicamente vividas, evidenciando a interação entre uma história objetiva e a consciência (YANS-McLAUGHLIN, 1990, p. 283). As entrevistas fazem emergir as representações do “eu” na história, que são parte e que expressam a vivência coletiva.

Constata-se, pelo panorama teórico que foi exposto acima, que o fenômeno migratório é complexo, multifacetado e multidimensional. Independentemente das eventuais divergências teóricas, estudá-lo implica em assumir essas amplas perspectivas e complexidades, combinando possibilidades de acordo com a necessidade do objeto de pesquisa, dos objetivos e da premência metodológica. No presente trabalho, privilegiou-se um olhar que permitisse o encontro desses vários níveis do fenômeno migratório, analisando os nordestinos na Zona Leste de São Paulo a partir de sua multiplicidade, e privilegiando a subjetividade e as redes sociais.

Tendo por mote a escassez de estudos que combinem as diversas dimensões das migrações, este artigo sugere uma reflexão diferenciada que enriqueça os estudos das redes sociais e das questões político-econômicas. Propõe-se que sejam combinados diversos níveis do fenômeno, incluindo também a dimensão subjetiva e valorizando os aspectos da memória coletiva, identidade e subjetividade nas migrações. A hipótese que guia essa proposta é de que a mudança de um lugar para outro é determinada por um conjunto de motivações que, combinadas em subjetividades únicas, orientam as escolhas dos migrantes.

Para finalizar, gostaríamos de chamar a atenção para o fato de que os estudos sobre imigrações internacionais e sobre migrações internas no Brasil infelizmente não têm dialogado. Redes são descritas em ambos os casos, mas sem um compartilhamento de fundo teórico e de reflexões que seriam úteis para ambos os casos. Esperamos que futuras pesquisas possam fazer uma ponte entre esses dois níveis de reflexão.

## Notas:

1 - A entrevista com Antônio Dantas Filho foi realizada em 13 de abril de 2011, por Valéria B. Magalhães. O senhor Antônio cedeu autorização de uso de sua entrevista para publicações. Uma das razões de seu nome aparecer com o sobrenome é porque, em outro texto publicado pela mesma autora, o senhor Antônio questionou a razão do seu nome não ter sido grafado por inteiro. Nesta publicação, em homenagem ao seu Antônio e às suas memórias sobre a Zona Leste, optou-se por identificar seu nome completo.

2 - A Zona Leste da cidade de São Paulo é uma das oito subdivisões geográficas do município. Do ponto de vista social, porém, poderíamos falar em uma “Zona Leste expandida”, que incluiria cidades como Guarulhos, Mogi das Cruzes e outras que são contíguas à cidade e que apresentam história semelhante aos bairros vizinhos. A Zona Leste é uma região considerada periférica, pois historicamente seu território foi ocupado por trabalhadores braçais e por migrantes e imigrantes (até início do século XX, boa parte de suas áreas mais afastadas era preenchida por chácaras de imigrantes), por meio de ocupação desordenada e alheia à infraestrutura básica do resto da cidade. Hoje, alguns bairros mais próximos ao centro tornaram-se caros, abrigando uma nova classe média e média alta.

3 - O conceito de memória coletiva é aqui pensado no sentido proposto por Maurice Halbwachs: ela acontece em conexão com o grupo, sendo evocada pelo indivíduo dentro de seu quadro social (HALBWACHS, 2006).

4 - Projeto coordenado por Valéria Barbosa de Magalhães e financiado pela FAPESP, com vigência entre agosto de 2010 e junho de 2012. Dele participaram os seguintes bolsistas de iniciação: Jéssica Aparecida da Costa, Larissa Midori Ota, Maria Carolina Andrade José e Willian de Assunção Rafael. A pesquisa foi conduzida no Grupo de Estudo e Pesquisa em História Oral e Memória (EACH/USP).

5 - Além das entrevistas, foram levantados dados de mídia. Realizou-se também uma intensa pesquisa bibliográfica sobre migração nordestina em São Paulo. A lista dos textos indexados encontra-se disponível no website do Grupo de Pesquisa em História Oral e Memória/USP, no link:

<http://each.uspnet.usp.br/gephom/Projetos/Bibliografia.pdf>

Devido ao projeto ter sido encerrado em 2012, a pesquisa bibliográfica não abrangeu textos posteriores a essa data, mas a pesquisa deverá ter continuidade em momento futuro, quando se pretende atualizar a lista de textos levantada. Ressalta-se também que este artigo não tem por objetivo discutir os procedimentos metodológicos utilizados durante a pesquisa, mas eles poderão ser encontrados em outras publicações recentes da autora (por exemplo, MAGALHAES, 2012; 2013).

6 - A Lei 8.842, de 04 de janeiro de 1994, e o estatuto do Idoso (Lei 10.741, de 1º de outubro de 2003), definem por “idoso” a pessoa com 60 anos ou mais.

7 - O projeto tinha como um dos objetivos analisar a relação entre nordestinos e não nordestinos, por isso, foram entrevistados também moradores de origem não nordestina. Em função dos objetivos do presente artigo, não serão mencionadas as entrevistas com o segundo grupo.

8 - Essas constatações também apareceram no trabalho de Fontes (2008).

## Referências

- BORJAS, G. *Friends and Strangers: The Impact of Immigrants on the US Economy*. New York: Basic Books, 1990.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. *Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- FONTES, Paulo. *Um Nordeste em São Paulo: Trabalhadores Migrantes em São Miguel Paulista (1945-66)*. São Paulo: FGV, 2008.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- LANG, Beatriz. Espiritismo no Brasil. *Cadernos CERU*. São Paulo, v. 19, n. 2, p. 171-186, dez/2008.
- MAGALHAES, Valéria B. Imigração em São Paulo e a memória das canções italianas. *Cadernos Ceru*. São Paulo, v. 23, p. 127-140, 2012.
- MAGALHÃES, Valéria. *O Brasil no Sul da Flórida: subjetividade, identidade e memória*. São Paulo: Letra e Voz, 2011.
- MAGALHAES, Valéria B. Nordestinos na Zona Leste: memórias e redes de migrantes. In: MAGALHÃES, V.; SANTHIAGO, R.. (Org.). *Depois da Utopia: A história oral em seu tempo*. São Paulo: Letra e Voz/ Fapesp, 2013, p. 227-258.
- MONTEIRO, Paulo. *Emigração: o Mito do Eterno Retorno*. Oeiras: Celta, 1994, p. 23.
- PAIVA, Odair. *Caminhos Cruzados: migração e construção do Brasil moderno (1930 – 1950)*. Bauru: Edusc, 2004.
- PIORE, Michael. *Birds of Passage*. New York: Cambridge University Press, 1979.
- PORTES, Alejandro. Modes of structural incorporation and present theories of labor immigration. In: KRITZ, M; KEELY, C.; TOMASI, S. *Global Trends in Migration: Theory and Research on International Population Movements*. New York: Center for Migration Studies, 1981.
- PORTES, Alejandro; GUARNIZO, Luis E. Tropical Capitalists: U.S.-bound Immigration and Small Enterprise Development in the Dominican Republic. Pp. 37–59 In. *Migration, Remittances, and Small Business Development*. Orgs. DIAZ-BRIQUETS, Sergio, WEINTRAUB, Sidney. Boulder, Colo; Westview, 1991.
- PORTES, Alejandro; JENSEN, L. What's an Ethnic Enclave? The Case for Conceptual Clarity. *American Sociological Review* 52:768-71, 1987.
- SASSEN, Saskia. *The Mobility of Labor and Capital: a Study in International Investment and Labor Flow*. New York: Cambridge University Press, 1988.
- SAYAD, Abdelmalek. *A imigração*. São Paulo: EDUSP, 1998.
- SCHILLER, N; BASC, L.; BLANC-SZANTON, C. Towards a Definition of Transnacionalism. In: Towards a Transnational Perspective on Migration. *Annals of the New York Academy of Sciences*, vol. 645, New York: The New York Academy of Sciences, jul/1992.
- TILLY, C. Transplanted networks. In: YANS-McLAUGHLIN, V. *Immigration Reconsidered*. New York/Oxford: Oxford University, 1990. p. 84-93.
- YANS-McLAUGHLIN, V. Metaphors of the Self: Subjectivity, Oral Narrative, and Immigration Studies. In: YANS-McLAUGHLIN, V. (ed.). *Immigration Reconsidered*. New York/Oxford: Oxford University, 1990. p. 254-292.

## RESUMO:

Este artigo pretende partilhar com os leitores algumas ideias levantadas pelo projeto *Lembranças de Antigos Moradores da Zona Leste de São Paulo: migrantes nordestinos e história de bairros*. A pesquisa utilizou as entrevistas de história oral temática como principal fonte de informação. Considerando-se seus limites, o texto buscou tratar das redes de migrantes nordestinos que se formaram na Zona Leste de São Paulo, tendo por base a história do senhor Antônio Filho e fragmentos de outras histórias de vida. Ao final, propõe-se uma combinação de dimensões explicativas para o processo migratório.

**Palavras-chave:** nordestinos, zona leste de São Paulo, redes de migrantes.

## ABSTRACT:

This article intends to share some conclusions of the research *Lembranças de Antigos Moradores da Zona Leste de São Paulo: migrantes nordestinos e história de bairros*. The project tried to analyze the relationship between migrants from “Nordeste” of Brazil living in the Eastern Area of São Paulo and the nonimmigrants. For that, it was used the oral history method. This article tries to analyze the migration networks of the Nordestinos in São Paulo, suggesting that migration is a multidimensional phenomenon.

**Keywords:** *nordestinos*, eastern area of São Paulo, migration networks.